

PAIXÕES EM ANÁLISE

Marcus André Vieira

IV – AMOR E IGNORÂNCIA ♦

“O amor é apaixonante”¹. É mesmo. A fórmula é de Lacan, paradoxal como tantas as suas. O amor é paixão e apaixonado, amante e amado ao mesmo tempo incluídos neste imenso universo de sentimentos, excessos e canções. Então, como penetrar neste país sem se perder completamente? Qual fio de Ariadne que nos permitirá retornar? O único fio é a experiência analítica, a mais localizada possível. Seguiremos, então, o amor em uma análise.

Ele se declina em dois aspectos. Por um lado há o amor “na vida”, que merece aspas porque o espaço analítico também é vida, mas digamos que é o amor que se insere fora do campo transferencial. Este amor está na análise, mas, ali, é sempre narrado, são sempre histórias de amor que o analisante conta para o analista. Por outro lado, há o amor pelo analista, ou por aquilo que o analista vem a encarnar na transferência. Daremos ênfase ao modo como este amor incide sobre o universo amoroso de uma vida.

Em termos de localização textual, outro modo de nos mantermos em solo, o trajeto de hoje tem como base o que Lacan avança no capítulo 11 do *Seminário 1*.

A emoção do “Te vi”

A melhor maneira de começar é pelo amor à primeira vista. Todos aqui já experimentaram, espero, o amor à primeira vista, a paixão fulgurante. Não é preciso descrever muito, vamos parafrasear Freud em sua conferência sobre a angústia “não preciso apresentar aos senhores o amor à primeira vista, todos os senhores o conhecem”. Vamos, no entanto, avançar alguns elementos que permitam produzir uma definição, a que dele dá Lacan neste seminário.

Um primeiro elemento, óbvio, já está no nome, é que este amor não existe sem a visão, sem a imagem. A ideia de uma paixão fulgurante não é boa, ela parece dizer que nela estamos ofuscados como se víssemos o sol. É verdade que isso faz parte da experiência, mas nela também é preciso que se veja alguma coisa. Neste sentido a ideia da paixão à primeira vista é melhor. Do mesmo modo a ideia de paixão fulminante, o *flechazo* em espanhol, é boa. É uma flecha nas costas, mas ela só nos atinge se estivermos diante de alguma coisa. Nunca sou flechado no escuro.

A cena paradigmática clássica para Lacan é a do Werther, de Goethe. A cena fundamental é ele chegando num pátio e encontrando Lotte (Carlota), com seis crianças, distribuindo pãezinhos ou biscoitinhos para elas e essa cena o captura de uma maneira que imediatamente ele sabe estar apaixonado, decididamente apaixonado.

Uma referência análoga para nossos tempos de correria em que conseguimos ouvir uma música, mas não ler um livro, é a canção *Un Vestido y un Amor* de Fito Paez². É uma ode cujo refrão é “te vi”. Não é pela super poesia, é pela articulação entre a poesia e a melodia, que é muito especial e que, na versão de

♦ Curso livre do ICP-RJ, ministrado na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, 29 de julho de 2010. Transcrição, edição inicial e pesquisa de referências por Anna Luiza Almeida e Silva.

Caetano Veloso se torna imensa, incomensurável amor que cresce ao longo da repetição do “te vi, te vi, te vi, eu não buscava nada e te vi...”.

Não é à toa que a poesia não seja o centro da canção, não é da articulação literal que brota a desmesura do amor. São basicamente das imagens com a música, produzindo verdadeiras epifanias visuais: tu colhias margaridas no jardim, distribuía pãezinhos para as crianças, eu não buscava nada e te ver me fez cair desesperadamente apaixonado.

Tratando-se de imagens estamos sempre às voltas com temas que se mantêm de um lugar para outro, nada tão original assim, tão estranho assim. As coisas que nos capturam e fascinam, sendo imagens, são sempre coisas disponíveis, ao alcance de todos. Basta procurar no Imaginário masculino para ver como elas se repetem. Lembrem-se de Fabián Naparstek na última Jornada da EBP-Rio (2009): o homem é o príncipe de Cinderela. O negócio dele é o sapatinho de cristal e não a Cinderela. Quem tiver o pé que sirva vai fazê-lo amar. Essa é a paixão no seu aspecto Imaginário, que convencionamos da última vez chamar de *emoção*.

É algo próximo à etologia animal, como demonstra o célebre experimento de Lorenz³, que coloca suas botas do lado do ninho dos patinhos e, quando os patinhos nascem, eles vêem as botas. Aquele *frame* fica impresso nos bichinhos e a partir daí, quando ele anda com suas botas, os patinhos o seguem como se fosse a mãe deles. Há até fotos, como essa:



Quando a gente fala do amor nesse primeiro ponto, nesse ponto zero, nesse ponto da paixão imaginária, ele é isso, uma imagem que pega e que não é nada tão original assim.

Mas onde se dá o primeiro *imprinting*? Não somos patinhos, não saímos do ovo. É verdade que gostaríamos de ser iguais aos patinhos, ficaria tão mais fácil se o amor fosse apenas um *imprinting*.

Há qualquer coisa a mais, e é essa qualquer coisa a mais articulada com a imagem, que vai dar na paixão nesse instante fulgurante. Se fosse apenas a imagem, bastaria a foto. Apesar da sexualidade masculina querer nos convencer de que é só isso, a gente não deve acreditar. É para que eles se tranquilizem, acreditando que são apenas assim, máquinas. Não é verdade. Se fosse assim, não haveria tanta confusão na vida amorosa.

Paixão e pernas

Ao mesmo tempo em que Werther é tomado completamente, a coisa prolonga-se, ela não se concretiza inteiramente na imagem. É preciso mais. Inclusive, a paixão fulminante de Werther vai acabar em suicídio por conta disso. A imagem é essencial, mas ela não é o todo do amor à primeira vista. É nesse ponto que insiste Lacan.

De fato, quando se quer dizer algo sobre essa emoção extraordinária que não seja apenas vivê-la, a questão sempre recai sobre o que a desencadeia. Ou bem se dirá que é a imagem em si, que ficou “imprintada” na infância ou nos gens, tal como o patinho, ou bem será outra coisa que está ali e que não é a imagem. Se isso é verdade, não estamos diante de uma emoção, mas de uma paixão, que inclui, por definição, como vimos na última vez, este algo mais desconhecido.

Chamaremos, portanto, paixão tudo o que tenha um pé no plano especular, do corpo, e que ao mesmo tempo nele não se esgote. Compreende-se porque ela, diferentemente das emoções, pode nos levar além do mundo dos bens, das imagens do cotidiano, por visar a algo fora do sentido, das formas pré-

estabelecidas. À paixão reservamos à ao aspecto de “carreira sem limites”, como diz Lacan, do afeto, que nos leva adiante, para o melhor ou o pior.⁴

A paixão, dessa forma, aceita um perder-se de si que é impossível na emoção. Perder-me de mim é me perder das imagens a partir das quais me reconheço e me guio na vida, o imaginário que me dá identidade. Perder-se de si é perder-se do seu Imaginário, é perder-se das suas roupas, como canta Arnaldo Antunes é quando “não caibo mais nas roupas que eu cabia, minha barba cresceu enquanto eu dormia”.⁵

Posso até me reencontrar após me perder. Para alguns sujeitos, certamente só se perdendo de si há alguma chance de se achar. Mas isso é um segundo tempo. Uma coisa não está garantida pela outra. Não é válido para todos.

Na emoção não me perco nunca de mim, pois ela é desencadeada pelo semelhante e é exatamente o semelhante que me dá minha identidade. É uma impossibilidade lógica, se a partir de uma emoção, me perco de mim, ela deixa de ser emoção e se torna paixão.

Comparemos o ódio com a inveja. Por definição, a inveja só se dá no plano imaginário. Dá para invejar alguma coisa que não se pode imaginar? Para invejar, você precisa que ele suponha que ele tem o que você não tem. Ele tem aqui, você quer ter aqui, faz falta, a gente troca, disputa, briga, inveja é uma emoção porque, por definição, é no espelho.

Se esta inveja ultrapassa esse plano, se no caminho da inveja que destruir aquele que invejo a ponto de perder-me da imagem dele, sou tomado por um sentimento que não tem mais os limites do semelhante como causa, neste ponto, estou no plano da paixão que pode nos levar além, até o ponto em que a imagem do semelhante, minha bússola e garantia de mim mesmo, se dissolve. É nesse momento que me perco de mim.

A paixão insiste e se mostra capaz de nos fazer esquecer seu suporte e sentido, o corpo, que fica “fora de si”. No desespero desta condição encontramos o limite em que o “isso”, sempre fora de cena, se apresenta, sob a condição, porém, de que o “eu”, o aqui e agora do corpo, desapareça. Como canta Chico Buarque em *Eu te amo*: “se nas travessuras das noites eternas já confundimos tanto nossas pernas diz com que pernas eu devo seguir?”. A paixão confina, portanto, em seu extremo com o *gozo*, não qualquer um, mas o de um prazer em sua face mortífera que tanto é encontro quanto perda.

Neste caso, é melhor entendê-la a partir do ódio que como paixão, segundo Lacan, aspira, do outro “seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão” e isso, mesmo após o outro em questão já ter desaparecido da face da Terra. É nisso que o ódio, como o amor, é uma “carreira sem limite”.⁶

Paixão e detalhe

A paixão, segundo Lacan, se reparte em três eixos paradigmáticos: amor, ignorância e ódio. São paixões porque nas três eu posso me perder do outro, que me perder de mim. Deixaremos o ódio para a próxima. Hoje vamos nos dedicar ao amor em sua relação com a ignorância.

A boa questão para abordar a ignorância como paixão é: o que é isso que a desencadeia a paixão se não é o *imprinting* genético ou etológico?

Na *paixão*, por definição, diremos que há sempre um ponto cego fundamental no coração do Outro, algo que anima a imagem fascinante com que ele nos captura. Por isso, Lacan afirma: “O amor (...) visa sempre, para além da captura imaginária, o ser do sujeito amado, sua particularidade e no que essa particularidade possa ter de mais opaco, de mais impensável”.⁷ O amor-paixão, ligado a esses elementos opacos, que nunca enxerga tudo, é visionário. O amor-emoção, que só se liga ao que se pode ver é apenas, segundo Lacan, *Verliebtheit*, fascinação, ofuscamento e cegueira.

Nessa passagem Lacan está comentando o texto do Freud “Introdução ao Narcisismo”,⁸ e ele bebe do texto do Freud para avançar essa teoria dele que é a paixão se funda numa coincidência entre o eu-ideal e o ideal do eu. O amor é encontrar o eu-ideal, minha cara metade e ao mesmo o ideal do eu, aquele não-sei-quê em uma só pessoa. Esse ponto opaco do ideal, essa particularidade, me faz querer tudo e muito mais. Quero em ti muito mais do que ti e me ofereço, no sentido que Lacan utiliza nessa passagem, me ofereço como ser amável porque ofereço tudo o que tenho e mais o que não tenho, lembrando que a lista do que tenho para dar se compõe daquilo que sei de mim. Posso, porém, dar o que não tenho no sentido de coisas minhas, mas desconhecidas, que não fazem parte do campo do ego. Donde a fórmula famosa do Lacan, “amar é dar o que não se tem”.⁹

O Imaginário é o que há de mais concreto. Nós não estamos muito interessados, como analistas, nos objetos imaginários, porque eles são aquilo que a gente sabe. Ultrapassar a barreira do semelhante é ultrapassar a barreira do Imaginário e quem vai nos levar para essa ultrapassagem são esses objetos não imaginários.

A captura amorosa parece atrelada a algo que insiste em um além ou aquém da imagem. Seriam os pedacinhos de pão que Lotte distribuía às crianças a seu redor? Seriam *las margaridas del mantel* que *juntabas*? Ou *los chinos* que em Madrid *fumabas*? Esses e outros mil divinos detalhes são rastros desse além e parecem concentrar mais do acontecimento que a própria imagem do amado.¹⁰

Até aqui seguimos Lacan quando ele propõe: “aprendam a distinguir o amor como paixão imaginária do dom ativo do qual ele se constitui no plano simbólico”.¹¹ Traduzamos em nossos termos. “Paixão imaginária” é o que estamos chamando, com J. A. Miller, de *emoção*. O “dom ativo” é o que vamos chamar de *paixão*. E o que isso tem a ver com Simbólico nesse seminário?

É que estes elementos opacos no coração do Outro, não se apresentam como pura abstração ou coisa elevada. Não é o real em si. Estes pontos opacos revelam-se como partículas de singularidade, alguma coisa que não compõe com o todo da *gestalt* fascinante, mas que está, ali, no quadro. São divinos detalhes.

Há uma zona de indefinição fundamental que faz parte do amor, mas que nesse ponto da indefinição entra a manobra freudiana. Concretamente é que o analista não diz o que vai fazer com você. Você quer contratos, você quer esclarecimentos, você quer coisas específicas, provas de eficácia e também dados de para onde ele vai te levar. Se ele disser para onde vai te levar é que nada vai acontecer no sentido freudiano. Claro que ele vai dizer um pouco, mas se não houver um ponto opaco em algum lugar, nós ficaremos no plano do toma lá, dá cá, eu te dou, você me dá, eu falo, você me interpreta e nós saímos felizes como dois amigos que se encontram para tomar chope num bar.

Se há uma coisa que não acontece numa análise é amor à primeira vista. A análise só começa quando você seguir o ponto opaco, e não quando você ficar nas coisas imaginárias. Começa quando você decide que vai acreditar que esse ponto opaco tem algum valor, mas ele é opaco, ele não é alguma coisa que você pode dizer o que é. Se você pode dizer o que é, já estava resolvido que ele valia à pena. A análise começa quando se aposta em coisas invisíveis.

Ignorância, conhecimento e saber

Freud se situa como um pesquisador, mais do que um terapeuta. Não importa que seja verdade ou não. Mas isso situa que não é por estar exclusivamente interessado em promover efeitos terapêuticos que ele cria a psicanálise. Em “Observações sobre o amor de transferência”¹², “Recomendação aos médicos”¹³ é muito claro. Ele afirma que não devemos dar muitas garantias, devemos dizer muita coisa, porque logo depois ele vai te cobrar. Uma análise só começa, na verdade, quando o paciente aceita que ele não tem como saber quando e como virão os efeitos terapêuticos que ele demanda. É uma espécie de cheque em branco.

O analista é conhecido por frustrar as demandas. Não precisa frustrar todas, não é frustrando as demandas que alguém se torna analista, nem é sendo frustrado que alguém faz análise. Colocando de outra maneira, é porque existe um ponto opaco em algum lugar do saber dele e que o sujeito aposta nisso, pois esse saber repercute o não-saber que ele também experimenta com relação a si mesmo.

Essa aposta pode seguir o caminho da ignorância. A paixão da ignorância é desconsiderar os divinos detalhes e assumir que o que desencadeia a paixão está em outro mundo e não ali mesmo. Saímos do plano imaginário, mas em vez de lidar com coisas que não compõem com o todo e parecem gravitar a cena, passamos a supor que não são elas e sim “algo além” que dá a verdade da cena. Esse algo além é um parceiro que não é mais o conhecido, o amigo. Ele é muito parecido com Deus. A canção “Se eu quiser falar com Deus”¹⁴, de Gilberto Gil, fala da paixão da ignorância por descrever como é preciso sair do plano das identificações para encontrar algo além. A música inteira é uma ascese, é se desprender, é se soltar, ficar a sós, ficar nu.

Porque não, então, uma análise, já nesse plano do ponto opaco, começar a seguir por uma caminhada ascética e mística, como essa do Gilberto Gil? Ela tem muitas vezes esse aspecto, que tem valor e força e que faz com que, por exemplo, sempre tenha havido religiosos querendo fazer análise ou vice-versa. A referência aqui é Santo Agostinho em quem Lacan se apoia para delinear suas três paixões paradigmáticas.¹⁵

É um poço sem fundo. Sei muito, mas sempre resta a saber. Mantendo-se nesse plano, uma análise se infinitiza. Estarei sempre apaixonado pela minha análise porque lá descubro muito e sempre há mais a descobrir acionando meu não saber.

É importante distinguir dois saberes. Uma coisa é o conhecimento, outra coisa é o que a gente está chamando de saber. Vamos definir que conhecimento é imaginário, o que não quer dizer falso, ilusório, mas apenas dependente das imagens, do que tem forma, do que faz sentido, do que é redondinho. Quer dizer que funciona por reflexão, é especular.

Quando Lacan usa o termo “saber” ele se refere ao conhecimento, mas ao longo de seu ensino ele vai aproximando o termo saber a outra coisa que não conhecimento.

Um exemplo de Freud nos ajudará:¹⁶ a mãe de uma analisante adolescente dele lhe contou as circunstâncias do trauma de sua filha que envolvia uma situação de abuso homossexual por uma mulher. Ele então já sabia o que tinha acontecido, mas ela não, porque não lembrava de nada, havia se implantado uma amnésia histérica do ocorrido. Freud, então, conta a ela o que tinha acontecido. Ele nos conta então que, logo após saber dos fatos, ela tinha uma crise histérica e saía da sessão com a mesma amnésia de quando tinha entrado. Voltava para casa e na outra sessão retornava ainda sem saber. Ele desistiu de lhe contar o conhecimento que tinha dos fatos, por perceber que esse conhecimento não servia para nada. Ele é muito explícito. Afirma diz que “a lembrança inconsciente”, termo de Freud, é que importa e não o conhecimento.

Essa lembrança inconsciente é o que vamos chamar de saber. Ela não é conhecimento. Ela está presente, mas o sujeito não tem acesso a ela. Uma lembrança inconsciente não é um conhecimento, é uma espécie de complexo de associações, como diria o Freud, um registro inconsciente que só se vier à cena no momento certo poderá ser subjetivado.

Freud faz uma analogia com um edital, ou com a promulgação de um decreto. Esse decreto ainda não chegou ao conhecimento dos ministros, dos juizes, que é, no caso, a menina. O tal decreto é o que conta, mas ele vai ter que chegar ao conhecimento do juiz. Mas aquilo de que estamos falando não é um conhecimento, é um decreto, um ato jurídico, um texto.

Sem essa lembrança inconsciente, uma análise seria apenas Gilberto Gil, afrouxar os laços e no final não daria em nada, nada, nada do conhecimento que se pensava encontrar.

Eu pensava encontrar conhecimento, mas encontro uma lembrança inconsciente. Agora o importante é perceber que se fosse apenas essa lembrança se tornar um conhecimento a mais voltaríamos ao plano do imaginário, que é o plano do consciente, apenas com um conhecimento a mais, o que por si só não muda necessariamente a estrutura do eu.

O que é essa lembrança? Já falamos, é traço, mas não é conhecimento.

Vamos para o saber que não é conhecimento que vai nos tirar da situação da mão de Deus. Chamamos de lembrança inconsciente um saber. Seja qual for esse saber que envolve o amor, que envolve essa entrega apaixonada, ele é um saber perigoso. Porque essa entrega apaixonada, quando você vai no sentido do vazio, ela não tem limite. O que vai lhe fazer parar?

A paixão do significativo

Numa análise que caminha coisas aparecem. Algumas das lembranças inconscientes encaixam-se no conhecimento, fazem sentido, outras não, elas ficam por ali, indo e voltando. A gente até percebe que elas sempre estiveram por ali, mas agora não são podem ser mais descartadas. São mais registros, editais, das muitas vezes que a vida foi mais e não coube na vida que a gente leva. Essas coisas é que começam a aparecer, essas que começamos a chamar de saber inconsciente.

A análise começa a ficar com um excesso que começa a contagiar, que é também vida. O amor faz isso, no amor você chega perto desse excesso, ele penetra pelos poros e você fica mais carregado. Da mesma maneira, na análise, o consultório fica carregado, o analista, as vizinhanças, a padaria na frente, qualquer coisa. Isso que Freud chama de carga e que é melhor pensar como pseudópode, começa a invadir a área, começa a contagiar e é a sua vida que está sendo expandida ali. Você recebe em troca, recebe um plus de vida quando vai fazer análise. Mas ela está lá, e ela começa a atrapalhar também. Assim como na paixão amorosa, começa a angustiar, vai parar aonde. Eu não estou chegando no limite? Isso não tem fim, é um vulcão e eu estou chegando perto do meu núcleo vital, e aí? Aí nós estamos bem claramente onde Freud diz que transferência é resistência. Essa paixão que agora se transformou num excesso, é ela que começa a ser um problema. Estava muito bom, até chegar nos navios queimados, quando comecei a queimar meus navios lembrando das minhas queimadas de navios, essa situação também se tornou uma situação limite, a situação analítica.

No geral, é uma situação vivida mais intelectualizadamente. Mas, se pararmos para analisar, pequenos indícios mostram que é exatamente isso. Há um excesso, uma espécie de ameba na análise, que a paralisa. Pode se apresentar como “não aguento mais falar nisso”. Como situa J. A. Miller, uma análise que prossegue depois de certo tempo é uma análise que tem poucas fulgurâncias, tem uma espécie de estase e é difícil vencer essa barreira.¹⁷ Até porque não tem nada depois dessa barreira. Por isso é que é difícil. Outras foram vencidas, mas essa...

Entendem porque a angústia tem a ver com a análise? O ponto limite é um ponto de angústia, o ponto em que o amor começa a confinar com a angústia e também com o gozo. A gente sabe que o gozo, quando não retrocede para o amor, é angústia. Quando ele retrocede para o amor, é prazer. Fui até certo ponto e consegui voltar para casa, então foi bom. Fui até certo ponto e não consegui voltar, estou numa crise de angústia. Nós estamos falando exatamente de um ponto de angústia, e não exatamente de decepção, desinvestimento. Muitos vão embora nesse ponto mesmo, e só os que realmente, por alguma razão muito especial continua ali, é que vai caminhar para além disso.

Aquele saber que o analista prometeu no começo, que primeiro se pensou que era um conhecimento, depois se descobriu era um saber. Um saber que o analista nunca teve. O analista não tinha como conhecer os conhecimentos do analisante, mas sempre se pode antecipar um conhecimento, imaginá-lo. Mas quando se trata de um saber, de um traço, de uma escrita singular, das marcas que os tratos do

Outro deixou no sujeito, não há como antecipar. Isto é o que Lacan chama do engano fundamental do Sujeito suposto Saber.

Quando você supõe esse saber, você acha que tem esse saber no analista, mas o saber não está no analista. Ele está no que você acabou de percorrer, por exemplo, com todas as histórias e cenas. Tem alguma coisa que você vai poder extrair disso e não do analista, que não tem mais nada para te dar. É a extração que você vai fazer disso que vai sair do analista, mas não avançar. Esse é exatamente o ponto central.

Chave

Última poesia, para concluir, é do Carlos Drummond de Andrade, “Procura da Poesia”, que se articula muito com a ideia do Gilberto Gil só que o que se encontra é totalmente diferente. Ele diz, se você quer a poesia, não procure a poesia nas gravatas, nos sapatos, nos desejos, nos anseios. A modulação dramática é outra, não é lá que está a poesia. Construindo no nosso percurso, você já procurou a poesia nesses lugares todos. “Não faça versos sobre acontecimentos”. Nós vamos dizer o seguinte: em vez de desistir dos acontecimentos, vamos dizer que, nesse ponto chave eu já percorri os acontecimentos e vi que eles não vão dar poesia, já deram o que tinham que dar. Poesia, aqui, é o nome desse saber que está faltando. Não é dali que vai vir. Ele vai desconstruindo tudo de onde você pode tirar uma alegria, uma certeza, um prazer, um pouco de calor.¹⁸

Não faça versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais
não contam.
Não faça poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão
infenso à efusão lírica.
Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no
escuro
são indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa
viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.
Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o
segredo das casas.
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas
ruas junto à linha de espuma.
O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada
significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.
Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.

Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de
família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.
Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia.
Que se partiu, cristal não era.
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?
Repara:
ermas de melodia e conceito

elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

O que vai ser extraído de algum lugar para te relançar ou para te separar, tal como no Gil, não vai estar nos acontecimentos que já passaram, não vai estar nas vivências. Mas, aonde vai estar? Nas próprias palavras, como ele diz, em si. Como se isso fosse possível. Como você foi pensando isso? Vi na pedra e fui arrancando o que não era. É quase essa a sensação: a chave está lá, é só você usar.

Para começar não é algo vazio. É um traço, uma chave. Na análise é algo que o analista tem e que não é vazio. É um traço, o que Lacan chama de Sq, o analista tem um significante qualquer, tem um traço qualquer. No nosso caso, a situação é um pouco diferente. As palavras, essas da sua vida não serão tão duras, pois o analista se oferece também como suporte imaginário. Ele humaniza a dureza da cosia.

O poema parece dizer “jogue tudo fora”. O osso das palavras, não das palavras de todos, mas das palavras da sua vida. Você vai estar numa espécie de grau zero das palavras, zero da sua vida. E não são nem palavras. São marcos, e é com eles que você faz alguma coisa. Com essas balizas, e não com o conhecimento que você adquiriu ou não sobre sua pessoa. É apenas uma espécie de jogo de cartas básico. Se é isso mesmo, não passaremos da barreira do amor. Caminhamos com o amor até o limite do humano e aqui ficaremos porque agora vamos usar essas cartas para amar, ou para ser amado.

Trouxeste a chave? Essa frase tem a ideia de ou você trouxe a chave, ou não vai dar. Não é o que parece o poema. A chave está na palavra, como a gente achava que a chave está no analista. Mas leiam o poema que vocês vão ver que é muito possível ler de outro jeito. Se você não tiver trazido a chave, não vai abrir nada ali, mas onde vai estar essa chave? Você já tinha. Aqui, vale lembrar também a história do Kafka: essa porta era para você, ela se abriria assim que você batesse nela, você nunca bateu, ela nunca abriu. O sujeito morre na porta que abriria.

O percurso da análise

Para concluir, vou ler o que tinha redigido como resumo do percurso do amor e do saber em uma análise:

O amor trilha seu caminho esbarrando no saber. Sei que amo, mas não sei porquê. Há o saber de uma certeza, mas nunca sei se ele continuará me amando ou mesmo se realmente ele me ama.

Chegar à análise é muitas vezes assumir que para este amor é possível encontrar as razões, que o analista em tese conheceria. Busca-se no analista o livro que ele teria ou que nos ajudaria a desencavar das regras do nosso amor.

Essa montagem cria um novo amor, o tipo de amor que eu vou endereçar ao analista que chamamos de amor de transferência, que é uma passagem, uma mudança, com relação à situação de partida. Já não tenho mais certeza, agora estou cheio de dúvidas, mas ganhei a expectativa de um saber.

O analista vem permitir que os abismos do amor do amor cego sejam trocados por algo mais palpável, a ignorância.

Essa transação, nomeada por Lacan como instalação do sujeito suposto saber, não precisa ter um objeto de amor prévio bem definido, não é necessária a existência concreta de um parceiro amoroso.

Muitos objetos, lembra Freud, vêm servir ao investimento deste élan vital que chamou de libido, a começar pelo próprio eu. Aliás, nos dias que correm é cada vez mais frequente: a entrada em cena do sujeito suposto saber pode instituir uma troca em que o objeto inicial do amor é o “si mesmo”, o que se enuncia, no jargão da época como “sofro de baixa auto-estima”. Mesmo neste caso, o manual da auto-ajuda sentimental está supostamente em poder do analista.

No mesmo movimento, supõe-se naquele que detém este conhecimento uma doce pacificação. Ele não sofre, não mais se desespera na busca sabe-se lá do quê. É como imaginamos o sábio que é também mestre ou professor. Essa tranquilidade, porém, é também mortificação. Eles já viveram, não vivem mais. Se a palavra é a morte da coisa, os donos da palavra se desligaram da vida.

Vamos seguir a convenção freudiana e designar o mestre pelo termo Pai. É uma função, não um personagem, que é sempre morto. O amor de transferência é assim um amor pelo Pai e uma operação de mortificação, apenas eu desejo, o objeto é sossegado. Ao mesmo tempo é a ardorosa troca da cegueira pela ignorância. Lacan chama este ardor de paixão. Não há entrada em análise, quando ela se faz pelo amor, sem que a paixão do amor ceda à da ignorância.

Essa operação oculta um engano fundamental. O sujeito suposto saber é um engano. Quanto mais avançamos certos de estarmos seguros com o Pai, quanto mais este aceita o jogo da falta de desejo que lhe é imputada, mais assombra-nos a cada esquina a súbita impressão de incesto. É da estrutura do discurso: se a palavra mata a coisa, o silêncio é prenhe de vida.

O analista consente e por consentir vai aos poucos se apresentando como o que detém um desejo a mais, silencioso e indefinível. É o desejo do cego mascarando chicletes de Clarice Lispector, ou mais prosaico ainda, o do nosso único companheiro na longa viagem de um elevador silencioso.

Descobre-se que o amor ao pai não leva necessariamente ao conhecimento, mas ao gozo. A libido começa a invadir o consultório e a transferência a tornar-se resistência. No entanto, é exatamente porque há um desejo indefinível no analista que ele começa a atrair para si as histórias do encontro com esse desejo, desejo do Outro nos termos de Lacan. É assim que a histérica encontra o pai, inscrito em seu passado, como abusador. Apresentam-se as lembranças inconscientes de sedução.

Pode-se saber tudo sobre a amizade, que situa no plano do conhecimento e da emoção, mas pode-se saber pouco sobre o amor, como paixão. Só chego perto do amor como paixão, como gozo, quando me perco do espelho, que é o plano do conhecimento. O desvario é este momento em que se ultrapassa a barreira do temor e da piedade, do semelhante. Perde-se de si, porque o seu si é dado porque você se observa no outro do espelho.

O gozo, por ser a vida que não cabe no saber, é separado do conhecimento, mas deixa marcas que se prestam à leitura. São letras, registros, traços, que veiculam Outro tipo de saber, que não é conhecimento. Elas não são conhecimento porque este, por definição, é da relação especular, de um parceiro presente que como nós, ri, chora, busca. São alguma coisa inscrita na carne sem que haja um parceiro presente de quem possamos cobrar explicações.

As letras do desejo, no momento do desvario, sustentam uma certeza que permite subsistir para além do plano imaginário. Elas produzem a certeza de que houve gozo e sobre como ele se inscreveu em mim, mas não sobre o amor.

Sei sobre o gozo, o gozo do Outro sobre mim, o que o Outro fez comigo e que me constituiu. Eu sei disso, mas isso em nada garante que eu venha a amar ou a ser amado. Porque, para isso, tenho que submeter essas letras à leitura de alguém, devo voltar para o plano do espelho porque o amor está, necessariamente também ali.

No final, inverte-se tudo: sei sobre meu desejo, mas nada sei sobre o do Outro. A certeza está do meu lado, quanto ao meu desejo, mas o vazio continua quanto ao que o Outro vai fazer com isso. A análise resolve a paixão da ignorância com um saber sobre o gozo, que não será nunca um conhecimento sobre o amor. Essa é a resposta da análise.

Lembrando que o saber sobre o gozo não é saber como gozar. É um indizível, que é mesmo assim saber. Outras experiências humanas, além da análise, também fazem isso, a poesia, por exemplo. O saber sobre o gozo que a análise dá é mais ou menos equivalente ao bom uso a maquiagem. Quem sabe jogar com a maquiagem ou com as rugas, sabe que a maquiagem não é para esconder as rugas. Comparem a

maquiagem com a cirurgia plástica. A maquiagem é um jogo de semblante com aquilo que está escrito e que não há como mudar. Não quer dizer que suas rugas são um lugar de gozo, ficar fascinado com elas impede a maquiagem.

É um saber sobre o modo como o gozo se inscreveu na carne e ao mesmo tempo uma liberdade com relação a ele. É uma chave, sem que se saiba em quantas portas ela vai servir, nem em quais.

¹ Lacan, J. “O Seminário, livro 21, Les noms dupes errent” (inédito), lição de 12/03/1974, apud Vieira, M. A. “Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto”, *Os destinos da pulsão*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1997, p. 131.

² PAEZ, Fito. *Um vestido y um amor* (Tradução: *Te Vi*). “Te vi / Juntavas margaridas no jardim, Não sei se eras um anjo ou um rubi, Ou simplesmente te vi, Os astros sorriram outra vez, A chave de Mandala se quebrou, Ou simplesmente te vi”

³ Cf. Vieira, M. A. *Restos, uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete “espelho”.

⁴ Cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 1*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 316 e Vieira, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 161 e 232.

⁵ ANTUNES, Arnaldo. *Eu não vou me adaptar*. 1985.

⁶ Lacan, J. *op. cit.*

⁷ “Aquele que aspira ser amado se satisfaz muito pouco em ser amado pelo seu bem. Sua exigência é ser amado (tão longe quanto possa ir a completa subversão do sujeito) [numa] particularidade, e no que essa particularidade possa ter de mais opaco, de mais impensável” Lacan, J. *Ibid.* p. 315.

⁸ Freud, S. [1914] “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, *Edição Standard Brasileira Completa das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (daqui por diante *ESB*) vol. XIV.

⁹ Lacan, J. *O Seminário, livro 5*, Rio de Janeiro, JZE, 1999, p. 218.

¹⁰ Se tomo a capa da Playboy e elimino daquela modelo todos os pequenos traços e imperfeições dos detalhes, se a transformo numa imagem perfeita, virei pato. É para isso que serve para vender revista, não para se avançar no amor. Os homens, aqueles que na cultura se reconhecem como homens, compram a revista, “apataixonam-se”, mas na hora “h”, não é com elas que a coisa vai acontecer. E, se vier a acontecer com elas, será preciso maltratá-las, marcá-las um pouco para que elas possam se tornar alguma coisa desejada (cf. Freud, S. [1912] “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)”, *ESB*, vol. XI.

¹¹ Lacan, J. *O Seminário, livro 1*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, 316.

¹² Freud, S. (1915[1914]) “Observações sobre o amor de transferencial”, *ESB*, vol. XII.

¹³ Freud, S. [1912] “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, *ESB*, vol. XII.

¹⁴ Gil, Gilberto. *Se eu quiser falar com Deus*. 1980. “Tenho que folgar os nos/ Dos sapatos, da gravata/ Dos desejos, dos receios/ Tenho que esquecer a data/ Tenho que perder a conta/ Tenho que ter mãos vazias/ Ter a alma e o corpo nus/ .../ Dar as costas, caminhar/ Decidido, pela estrada/ Que ao findar vai dar em nada/ Nada, nada, nada, nada/ Nada, nada, nada, nada/ Nada, nada, nada, nada/ Do que eu pensava encontrar”

¹⁵ Cf. Santo Agostinho, *Les confessions*, Paris, Flammarion, 1964, p. 15, apud, Vieira, M. A. “La pasión de La ignorancia”, *Uno por Uno*, Barcelona, 1997, p. 76.

¹⁶ Freud, S. [1913] “Sobre o início do tratamento”, *ESB*, vol. XII., p. 182.

¹⁷ Miller, J. A. *Coisas de fineza em psicanálise*, Curso da Orientação Lacaniana, Paris, 2008-2009 (inédito), lição de 14/1/2009.

¹⁸ Drummond de Andrade, Carlos. “A procura da poesia”. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 1945.